



PRÁTICAS ESCOLARES, DESAFIOS E RESISTÊNCIAS DE PROFESSORES DE GEOGRAFIA: RETORNO AO ENSINO PRESENCIAL EM ESCOLAS MUNICIPAIS DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Luciana Amorim de Oliveira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB, (Brasil)

Endereço eletrônico: oamorim.luciana@gmail.com

Andrecksa Viana Oliveira Sampaio

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, (Brasil)

Endereço eletrônico: andrecksa.oliveira@uesb.edu.br

2542

Vilomar Sandes Sampaio

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB, (Brasil)

Endereço eletrônico: vilomar@uesb.edu.br

INTRODUÇÃO

Esse resumo reflete uma pesquisa em andamento, realizada no âmbito do Grupo de Pesquisa no Ensino de Geografia (GRUPEG/ CNPq), que culminou também na aprovação desse Colóquio: Práticas Escolares, desafios e resistências. O ensino de Geografia tem enfrentado muitos embates e resistências no que diz respeito a formação inicial e continuada dos professores; na organização curricular das escolas; na remuneração e condições de trabalho; na mediação do professor; na relação dos alunos com os conteúdos escolares e o cotidiano; no raciocínio geográfico presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC); no Novo Ensino Médio; nos impactos das tecnologias de comunicação e informação, sobretudo no contexto pandêmico da Covid-19¹.

Este resumo apresenta discussões acerca dos desafios enfrentados por professores no retorno às aulas presenciais, diante da realidade imposta pela pandemia, em um momento de insegurança frente aos desafios de eficiência dos protocolos de segurança para evitar mais vítimas da contaminação pelo COVID e suas implicações, haja vista, que o processo de imunização, por meio da vacinação, ainda estava em fase inicial. A pesquisa avalia as resistências dos professores ao retornar às aulas presenciais

¹ A COVID-19 é uma doença causada pelo Corona vírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-03/coronavirus-saiba-o-que-e-uma-pandemia>



diante desse quadro, considerando a estrutura física e pedagógica oferecida pelas unidades escolares, o estado emocional dos professores e o plano de atuação da comunidade escolar, que envolveu docentes, discentes, suas famílias, coordenação, direção e todos os demais agentes educacionais envolvidos no cotidiano da escola.

METODOLOGIA

A pesquisa é de cunho qualitativo e utilizou as narrativas de professores como metodologia para a coleta de dados. Foram elaborados eixos que direcionavam as professoras: 1. Início da pandemia; implicações no cotidiano dos professores(as); vivências do período de aula remota; 2. Retorno às aulas presenciais; protocolos da escola em que trabalha; motivação para o retorno presencial às aulas; comportamento dos alunos no retorno às aulas presenciais; o processo de ensino e aprendizagem na transição remoto-presencial; desafios enfrentados por você na transição remoto-presencial; 3. Resistências (entraves).

Como participantes da pesquisa foram selecionados quatro professoras e um professor de Geografia, que atuam nos anos finais do Ensino Fundamental. Todos os docentes receberam os eixos temáticos e as orientações para o desenvolvimento das narrativas, que poderiam ser entregues, via *e-mail* ou *WhatsApp*, no formato de mensagem de texto ou áudios, conforme preferência de cada um dos participantes

Porém, nesse resumo, foram escolhidas duas narrativas que ofereceram elementos suficientes para a discussão. É importante salientar que, narrar é um atributo livre do ser humano e que exige o acesso às áreas do interior de quem narra, que podem envolver aspectos positivos, mas também evidenciar fraquezas e limitações, o que nem sempre o narrador está disposto ou preparado para enfrentar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Libâneo (1994) afirma que a “tarefa principal do professor é garantir a unidade didática entre ensino e aprendizagem, por meio do processo de ensino.” (LIBÂNEO, 1994, p. 86). O Ensino Remoto Emergencial (ERE), devido ao processo de pandemia, aflorou questões existentes sobre a prática docente e o processo de ensino e aprendizagem.

2543



As narrativas das professoras apresentaram semelhanças no que se refere ao início da pandemia. Ambas relataram sobre as dificuldades em vivenciar o isolamento social e ficar longe de familiares e amigos, assim como do ambiente de trabalho. A professora B (2022) afirmou:

A pandemia assustou [...] trouxe incertezas, inseguranças e muito, muito medo. Ficar sem ter contato com as pessoas, até mesmo as próximas, me deixou muito ansiosa. Além da sensação de que a morte rondava a todos, o tempo inteiro (Informação verbal, 2022).

Segundo as professoras, a incerteza e a obscuridade que envolvia o futuro, geraram ansiedade e comportamentos diversos, uma delas ressaltou que não se reconhecia, diante da possibilidade de enfrentar a morte a qualquer momento. Outro desafio apontado pelas professoras, foi a necessidade de transposição do ambiente da sala de aula física para a virtual, o qual exigia demandas distintas, que elas, pouco estavam familiarizadas. A professora A, imaginou que a realidade das aulas remotas seria vivida por alguns dias e logo voltaria ao modelo presencial, mas o tempo passou e sinalizou que não seria bem assim.

Com o prolongamento da pandemia, a dificuldade em “usar” as tecnologias se tornou um desafio para o ERE, visto que, não basta utilizar essas ferramentas, elas devem ser incorporadas às metodologias de ensino, estimulando a aprendizagem. As aulas remotas se tornaram um assunto recorrente entre os profissionais da educação, nas mídias e entre pais e responsáveis dos alunos. A professora B, relata que vivenciou três realidades distintas em meio ao ensino remoto, pois tinha vínculo com instituições diferentes:

Na escola privada, com recursos para o ensino remoto e plataforma que já existia na escola, porém, com o desânimo latente dos alunos e o cansaço de estar disponível quase que 24 horas. Na escola pública, a precariedade do acesso às tecnologias e internet dos alunos, fizeram desse momento totalmente distante, o ensino só existiu na teoria, pois, as aulas se reduziram a atividades e vídeos via app *WhatsApp*. Esta foi uma das grandes dificuldades; sanar dúvidas em áudios curtos, que nem sabíamos se o aluno iria ouvir. Atendimentos durante os mais diversos horários, já que alguns alunos dependiam dos telefones dos pais para enviar as atividades. A terceira realidade como aluna que sou de um doutorado; aulas remotas que duravam cerca de 6 horas, esgotantes, sem o contato visual, na maioria das vezes sem conhecer os colegas de turma, fazendo trabalhos em grupos com cada pessoa em um Estado do país; distorção de falas em áudios, em mensagens rápidas, faltou o abraço, o entendimento. O que tornou esse período remoto quase torturante, precisei passar por tratamentos de fisioterapias, acupuntura e só consegui me recuperar das dores com oito meses (Informação verbal, 2022)



Nas entrelinhas, é possível perceber que as professoras se sentem impotentes diante da constatação de que os alunos aprenderam pouco, e constrangidas em admitir que desenvolveram aulas em que o aluno não conseguiu se apropriar adequadamente dos conhecimentos.

No ERE, professores e alunos perderam a privacidade de suas casas, o tempo de trabalho e as demandas se tornaram ilimitadas, as condutas eram reajustadas a todo momento pela coordenação pedagógica e gestão das instituições de ensino, pois se tratou de um modo de ensinar e aprender que nunca havia sido experimentado antes, como afirma a professora A:

Postar atividades e nem saber se o aluno teve acesso ou não, era uma das coisas mais difíceis, não havia uma comunicação efetiva, por mais que a gente procurasse novas ferramentas, fiz até um curso de aperfeiçoamento de usar novas ferramentas, de usar nas aulas remotas [...] sempre estava muito complicado[...] tinha um desânimo dos alunos, [...] de como tava vivendo em casa, que a gente não sabia [...] trabalho em casa estava muito cansativo, porque era conciliar isso com a rotina de casa, junto com a rotina de trabalho, tudo em um só lugar. Foi nesse período que a gente sentiu muito a falta da sala de aula. (Informação verbal, 2022).

Uma abordagem metodológica diversificada, considera o conhecimento prévio dos alunos. “É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos” (CALLAI, 2005, p.228). O “mundo da vida” é uma tendência, facilmente encontrada nas falas dos professores, porém, ausentes de suas práticas, pois parece haver um abismo entre aquilo que se acredita e o que realmente pode-se realizar no cotidiano da sala de aula.

A Professora A, fala sobre seu desejo em retornar às aulas presenciais: “Nesse período a gente sentiu muito a falta da sala de aula.”. A Professora B, reafirma: “Sinceramente, a motivação para retornar ao presencial foi justamente diminuir a quantidade de trabalho que estávamos no remoto, que nem sempre tinha resultado, não tinha retorno. Além de reencontrar os colegas de trabalho” (PROFESSORA B, 2022). Porém, o retorno às aulas presenciais reservou situações desafiadoras quanto as vividas no ERE, conforme relata a Professora B (2022):

Os alunos voltaram completamente agitados. E apresentando muitos transtornos de ansiedade, alguns passando mal em sala, outros com



marcas nos corpos. Situações bem delicadas de serem tratadas, que ainda estamos enfrentando. Diante de todas as dificuldades já apresentadas, foi perceptível o déficit dos alunos nesse processo de ensino-aprendizagem. Tem sido necessário retomar muito conteúdo. Meus desafios estão ligados a entender as dificuldades dos alunos, e, principalmente, retomar o interesse deles por estudar, uma vez que, estão agitados e dispersos, além de todo conteúdo perdido (Informação verbal, 2022).

Ainda sobre o retorno presencial, a Professora A corrobora:

Os protocolos[...], muitos alunos não queriam seguir, [...] nem queriam usar o mínimo possível que era um máscara. Metade da aula era você chamando a atenção do aluno pra ele não pegar material emprestado do colega, para ele não tirar a máscara, pra não ficar na cadeira com o colega. E isso é bem desgastante! (Informação verbal, 2022).

2546

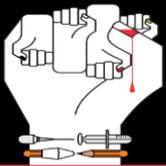
Para além dos problemas pedagógicos e emocionais dos alunos, a professora B (2022) considera como entraves para o desenvolvimento do seu trabalho as “[...]salas de aula cheias, [...] à reinserção (se é que posso chamar assim), desse aluno no ambiente escolar, entendendo o quanto eles perderam e estão ‘perdidos” (Informação verbal, 2022). As diversas vivências educacionais, no período pandêmico, foram significativas para repensar vários aspectos da educação, sobretudo sobre as tecnologias e a formação de professores, o que provavelmente resultará em uma presença mais marcante no cotidiano da sala de aula

CONCLUSÃO

Para além dos aspectos pedagógicos, as narrativas evidenciaram a necessidade de dar atenção aos aspectos socioemocionais que envolvem a comunidade escolar, haja vista, a fragilidade instalada nesta área, devido os desafios enfrentados durante a pandemia da Covid19. Esse colóquio oportuniza a ampliação das análises sobre o Ensino de Geografia e as práticas socio-pedagógicas, com ênfase aos desafios impostos à Geografia Escolar em permanecer na escola, auxiliando na formação dos sujeitos, por meio da compreensão do espaço geográfico. Que venham as discussões!!!

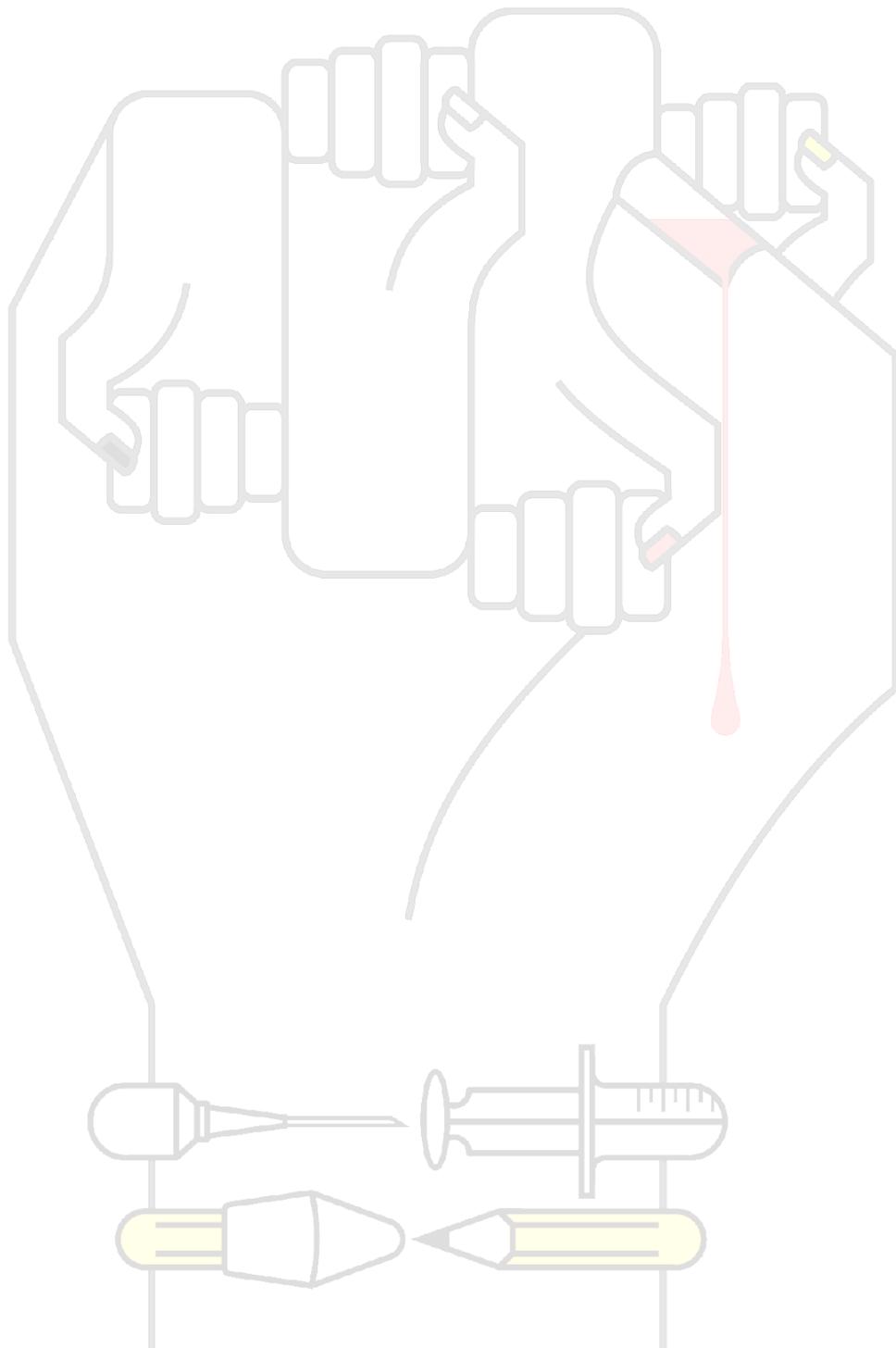
REFERÊNCIAS

CALLAI, Helena. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. In: **Cad. Cedes, Campinas**, vol. 25, n. 66, p. 227-247, maio/ago. 2005.



LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. – São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor).

2547



Realização:



Apoio:

